

## A EDUCAÇÃO NO IMAGINÁRIO SOCIAL

*Lauro de Barros Silva Filho\**

**Resumo:** Este artigo pretende comunicar um breve entendimento sobre Imaginário e Educação. Discorre sobre a Educação no Imaginário Social, oferecendo uma análise reflexiva e crítica sobre o pensamento pedagógico brasileiro - aquele dominante do fazer educativo na perspectiva escolar, vista à luz do liberalismo.

### 1. INTRODUÇÃO

A questão do imaginário vem assumindo especial função e particular importância nos estudos das ciências humanas e sociais. Estudos e pesquisas da área da Educação têm destacado ênfases à compreensão do imaginário social e das suas implicações para o pensar e fazer educativo.

A imaginação, banida do quadro epistemológico e/ou metodológico próprio das ciências pelo positivismo, ficou restrita ao seu lugar psicológico - o da fantasia. Com Freud, Jung, por via da Psicologia Profunda, esse lugar psicológico da fantasia passou a ter significação no lugar psico-social e/ou cultural do conhecimento e, mais significativamente, no lugar lógico de sua interpretação. No tratado sociológico da sociedade, enquanto o resultado de uma ação coletiva, o imaginário passa a ser de decisivo teor para o entendimento da Sociologia das Profundezas. Cassirer e Sartre, de uma dimensão filosófica, emprestar-nos-ão ver o sentido do imaginário em sua representação das expectativas axiológicas.

Essas frentes de visão sobre o imaginário permitem um entendimento: o de que todo indivíduo e toda sociedade têm suas representações ou **IMAGENS**. É através de suas representações ou imagens que indivíduo e sociedade idealizam a Educação.

---

\* Professor Adjunto do Centro Pedagógico - Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Chefe Adjunto do Departamento de Administração Escolar e Coordenador do Núcleo de Tecnologia Educacional.

Por imaginário compreenda-se, em genérico, o que existe na imaginação; portanto, algo sem realidade tangível ou concreta mas com capacidade de constitui-la a partir dos convencimentos nos quais o imaginário se insiste e persiste. Todo imaginário, assim, se aproxima muito do ilusório, do fictício, do legendário, do mítico; por vezes se reveste de tal poder de convencimento que a visão de homem, de sociedade, de mundo termina sendo aquilo que o imaginário proclama.

BACHELARD diz que: "... graças ao imaginário a imaginação é essencialmente aberta, evasiva: ... no psiquismo humano, o imaginário confere-se como experiência de abertura, a própria experiência da novidade" (1943, p. 7). Isso dá lugar ao estudo do imaginário como uma necessidade de avaliação/revalorização dos símbolos e da imagem em geral.

Para SARTRE (1940), o imaginário é o lugar, em si, da consciência. Assim como outros representantes do pensamento clássico, Sartre rejeita esse lugar e faz, sobre ele, suas críticas.

DURAND (1969), em suas explicações sobre a função do imaginário, diz que, nele, "a consciência em imagem coloca seu objeto como um nada." (p. 17)

Assim, estudar e pesquisar o imaginário, significa, grosso modo, procurar captar, entender, explicar o conjunto de imagens que constitui, diríamos, o capital pensado (CAPITAL CULTURAL) do HOMO SAPIENS. Através do estudo do imaginário social, poderemos ser capazes de percebermos pensamentos e/ou práxis que, rompendo com as amarras do real, nos confronta com uma vasta experiência: das "coisas imprevisíveis", segundo explicação de DUVIGNAUD. Isso porque o dinamismo coletivo é da mesma natureza que a criação imaginária.

LAKAN, em sua teoria psicanalítica, coloca o imaginário como sendo o aspecto principal, fundamental, da construção da subjetividade.

Essas noções abrem espaço, culturalanalítico, para estudos do fenômeno noológico, ou seja, do fenômeno das mediações simbólicas das ações educacionais pregadas e/ou defendidas pelo pensamento antropológico, pedagógico ou andragógico. É básico, dentro disso, o entendimento de que o

fenômeno do imaginário é sempre arraigado em pequenos grupos: a partir desses pequenos grupos é que a divulgação/disseminação de suas matrizes criativas (ideológicas) passam a se desenvolver. Entender e desvelar o imaginário é, pois, entender e desvelar a imagem plural e ambivalente que o indivíduo ou a sociedade faz sobre determinada coisa, sobretudo as de significação social.

Procuraremos, neste trabalho, situar a imagem (compreensão/construção) da Educação, segundo prismas do pensamento liberal, numa espécie de entendimento/desvelamento do lugar da consciência pregada/defendida, pelas versões liberais, do processo educativo-escolar: da Educação Formal.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Por imaginário liberal, devemos perceber a doutrina que emerge como justificação do sistema capitalista para se manter, para se perpetuar em sua linha perenealista de poder. É através do seu imaginário, defensor da predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade, que o pensamento liberal procura impingir formas e manifestações da organização social; formas e manifestações que corroboram e/ou estabelecem, de moto próprio, a propriedade privada dos meios de produção. O imaginário liberal, pois, se faz uma representação histórica e típica da sociedade de classes, conforme padrões e notas que interessam e atendem à classe minoritária - aquela detentora dos meios de produção, mais reconhecida socialmente como classe dominante.

Desde os tempos de sua inicial independência da Igreja e/ou, mais tarde, do Estado Português, a Educação Escolar, no Brasil, tem sido marcada, no seu pensar e fazer, por tendências liberais. Um dos principais fulcros dessas tendências é a compreensão de que a Escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de seus papéis na sociedade, de acordo com aptidões, com capacidades pessoais. Através desse imaginário de base, o liberalismo prega e defende o aprendizado pela adoção aos valores e às normas de uma sociedade desigual e estratificada por classes sociais. Com ele, tem sido fortalecida a cultura da individualidade num reino social regido pela meritocracia.

O pensamento liberal é continuamente alimentado por um discurso que esconde as diferenças típicas da sociedade de classes; prega a igualdade de oportunidades para todos, mas com esta pregação termina por esconder a existência marcante da desigualdade de condições; justo a desigualdade de condições que impede ou obstaculiza os êxitos sociais da população marginal - daquela que, historicamente, nas sociedades desiguais, tem permanecido à margem dos benefícios que só contemplam os privilegiados por quaisquer dos fatores, mais constantes, de capilaridade social.

No imaginário social do tipo conservador, algumas imagens da educação escolar são flagrantes e flagradas. Para citar apenas duas delas, destacamos a da escola dual e a do valor intelectual.

No caso da dualidade presente nos sistemas de ensino de inspiração liberal, o caminho cultural em direção ao saber, enquanto o trajeto precipuo das escolas, é o mesmo para todos os alunos oriundos de quaisquer das classes sociais. Entretanto, é regra aceita que só os que se esforçam, se distinguem como os mais capazes, se constituirão, por méritos pessoais, as elites dirigentes. Os menos capazes, fracassados ou excluídos das escolas, têm que se contentar com nenhuma escolarização ou com uma aprendizagem, uma qualificação profissional que os preparam sem lhes retirar da condição de despossuídos, de subordinados, de *outsiders* frente à vida social, econômica, política ou cultural.

Quanto ao valor intelectual, ele tem se constituído a marca do tratamento dado aos conteúdos do ensino. Há, nela a predominância do saber erudito, do saber dominante, daquele que tem distinguido o trabalho intelectual do que se faz por via manual. Esse saber dominante tem sido negado aos membros das camadas populares; a repetência escolar e uma conseqüente evasão passam a justificar a expulsão dos excluídos das escolas pela escola mesma e com aval do cartorialismo e do credencialismo escolar. O ideário educativo e seus decorrentes ideais, fundados no imaginário liberal, encontram desculpas que colocam os educadores profissionais sob defesa: afinal, os repetentes e os evadidos tendem a ser "pobres", "ignorantes", "pouco inteligentes", não têm ou não apresentam nenhum mérito pessoal. Em função da pretensa meritocracia de base liberal não há cobranças às escolas por suas falhas, por se insentarem do principal dever educativo: o de transformar o

fracasso dos indivíduos, nas escolas, em êxitos educacionais e, por consequência, sócio-culturais das camadas subalternas.

Na sua trajetória perenealista, o imaginário liberal se renova nos discursos travestindo sua finalidade última sempre a serviço dos meios de produção e de seus detentores. No escolanovismo brasileiro, por exemplo, ele procurou alcançar um certo avanço ao defender uma escola que procurasse suprir as experiências, aquelas que permitissem ao aluno educar-se através de uma interação entre as estruturas cognitivas do indivíduo e as estruturas do seu ambiente ou nicho ecológico (social, econômico, político, cultural). No escolanovismo, o imaginário liberal pregou uma escola retratadora da vida, mas sem abdicar, em instante nenhum, do patamar superior de cultura.

Numa síntese, diríamos que o imaginário liberal representa a Educação por via de:

- VISÕES: as da classe dominante para efeitos de escolarização de si mesma e, em paralelo, dos dominados;
- ANSEIOS: os do encontro de uma mão-de-obra qualificada que se distinguirá pelos burgueses dirigentes e operários dirigidos;
- SAÍDAS: para os impasses da democracia - de uma democracia que reivindica e luta por uma educação unitária para todos;
- JUSTIFICATIVAS: de tudo, para tudo, acomodando consciências desalienadas pela visão crítica da Sociedade e da Educação e acomodando situações de conflito.

### 3. CONCLUSÃO

A leitura do imaginário liberal serve para desvelar toda a construção de uma Filosofia Política, a da Educação, permeada por inerentes conteúdos éticos, psicossociais e/ou culturais.

A Educação, no imaginário liberal, perpassa a simples dimensão ontológica dos VALORES para se envolver com sua inerente dinâmica da AUTO-VALORAÇÃO conforme os requisitos da “Civilização em Mudanças”, na marcha histórica do capitalismo.

Em verdade, hoje, a situação caótica na qual se encontra a Educação, no Brasil, permite-nos ver e reconhecer que o imaginário liberal, em suas defesas relativamente ao pensar e fazer educativos, é como que uma espécie de feitiço, contra o qual não está mais sabendo se safar nem mesmo o próprio feiticeiro que o fabricou. No flagrante cenário das contradições espelhado pelos frutos do pretense desenvolvimento só resta mesmo nos pendurarmos no discurso crítico fundado nas teorias críticas ou crítico-reprodutivistas da Educação - impõe-se, porém, sairmos dos seus meros penduricalhos discursivos para atingir/alcançar o concreto das mudanças e um novo Imaginário e Educação.

## BIBLIOGRAFIA

ALLEAU, R. *La science des symboles*. Paris Payot, 1976.

BACHELARD, G. *L'air et les Songes*. Paris, Corti, 1943.

DURAND, G. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris, Bordes, 1969.

\_\_\_\_\_. *L'imagination symbolique*. Paris, PUF, 1968.

DUVIGNAUD. *Les imaginaires*. Paris, Cause Commune, 1976.

LAKAN, J. Le stade du miroir. In: *ÉCRITS I*. Paris, Sevil, 1966.

SARTRE, J.P. *L'imaginaire*. Paris, PUF, Galimardi, 1940.